



Comunicação Médico-Doente em Oftalmologia

Physician-Patient Communication in Ophthalmology

 Andreia Martins Rosa ¹

¹ Editora-chefe da revista Ophthalmologia

Recebido/Received: 2024-06-10 | **Aceite/Accepted:** 2024-06-16 | **Published/Publicado:** 2024-06-27

© Author(s) (or their employer(s)) and Ophthalmologia 2024. Re-use permitted under CC BY-NC. No commercial re-use.

© Autor (es) (ou seu (s) empregador (es)) e Ophthalmologia 2024. Reutilização permitida de acordo com CC BY-NC. Nenhuma reutilização comercial.

DOI: <https://doi.org/10.48560/rspo.36418>

O número de junho da revista Ophthalmologia traz dois artigos muito interessantes sobre a comunicação médico/ doente em Oftalmologia.

O artigo de Celso Costa e coautores “Qualidade e Legibilidade da Informação Online sobre Queratocone em Portugal” mostra que a informação sobre queratocone disponível *online* para doentes de língua portuguesa é, em geral, de baixa qualidade e difícil de interpretar, independentemente da existência de selo de qualidade ou do seu *ranking* no Google.

O artigo de Mariana Vaz e coautores “Escolha da Lente Intraocular pelos Oftalmologistas Portugueses” aborda de forma indireta a comunicação entre os oftalmologistas e os seus doentes, na medida em que aponta as diferenças entre a escolha da lente intraocular que um oftalmologista faria para si e a que rotineiramente aplica aos seus doentes. O artigo conclui que os oftalmologistas portugueses priorizam a qualidade de visão e evitam riscos, recomendando que os cirurgiões de catarata pesem os fatores que influenciam as suas decisões de forma a poder recomendar a melhor escolha aos seus doentes.

Apesar da existência de múltiplas fontes de informação *online* e da pressão para apresentar elevados resultados de produtividade em termos de número de consultas e cirurgias, é importante que não percamos a essência da profissão, que assenta na relação médico-doente, mesmo numa especialidade com forte componente técnica e cirúrgica como a Oftalmologia.

Os fundamentos de uma comunicação médico-doente eficaz são a honestidade, o saber ouvir, o olhar o doente de uma perspetiva global, o consentimento informado, a capacidade de conseguirmos colocarmo-nos na posição do outro e, não menos importante, sermos conscientes das nossas pistas não-verbais, que podem denotar cansaço, sono, desinteresse.

Esta habilidade é mais natural em algumas pessoas que noutras, mas é um esforço que todos devemos fazer – transmitir a nossa mensagem de forma empática, honesta e perceptível. No final vamos obter doentes mais informados, colaborantes e melhores resultados terapêuticos.

RESPONSABILIDADES ÉTICAS

Conflitos de Interesse: Os autores declaram não possuir conflitos de interesse.

Suporte Financeiro: O presente trabalho não foi suportado por nenhum subsídio ou bolsa ou bolsa.

Comissionado: Sem revisão externa por pares.

ETHICAL DISCLOSURES

Conflicts of Interest: The authors have no conflicts of interest to declare.

Financial Support: This work has not received any contribution grant or scholarship.

Commissioned: Without external peer review.



**Corresponding Author/
Autor Correspondente:**

Andrea Martins Rosa

Department of Ophthalmology, Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC), Praceta Professor Mota Pinto, 3004-561 Coimbra, Portugal.
editor.chefe@spoftalmologia.pt



ORCID: 0000-0001-6608-3353